



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

O relato de uma não-experiência: como o debate sobre gênero não ocorre em uma escola de Florianópolis/SC

The report of a non-experience: how the debate on gender does not take place in a school in Florianópolis/SC

Frederico Romanoff

Doutorando em Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
E-mail: fred.romanoff@hotmail.com

Resumo

Neste relato de não-experiência, apresento a tentativa frustrada de realizar o debate sobre estudos de gênero em uma escola de educação básica de Florianópolis/SC. Descrevo aqui duas “chamadas à direção” por conta de eventos relacionados à questão de gênero. Relaciono esses acontecimentos a literatura sobre gênero na área das Ciências Sociais e Antropologia e realizo uma reflexão sobre o porquê desse impedimento. Conclui-se que o conservadorismo repele aquilo que ele não entende ou despreza enquanto algo “poluído” e ainda que diferentes formas de viver no mundo precisam ser respeitadas desde que não ameacem o princípio democrático de convivência.

Palavras-chaves: Gênero. Escola. Conservadorismo.

Abstract

In this non-experience report, I present an unsuccessful attempt to hold a debate on gender studies in an elementary school in Florianópolis/SC. I describe two "calls to the administration" about events related to gender issues. I relate these events to the literature on gender in the social sciences and anthropology, and reflect on why this was prevented. I conclude that conservatism rejects what it doesn't understand or despises as something "polluted" and that different ways of living in the world need to be respected as long as they don't threaten the democratic principle of coexistence.

Keywords: Gender. School. Conservatism.

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar um relato de não-experiência em relação ao ensino de gênero em uma escola de Florianópolis/SC. Atuei nesta escola como professor na área de humanidades – Filosofia e Sociologia – do 6º ano do ensino fundamental até o 2º ano do ensino médio faz um ano. Refletindo sobre o papel dessas disciplinas, acredito que não podem prescindir de falar sobre assuntos delicados, como coloca Pierre Bourdieu (2004): “Eu digo frequentemente que a sociologia é um esporte de combate, um meio de defesa pessoal. Basicamente, você pode usá-la para se defender, sem ter o direito de utilizá-la para ataques covardes” (Carles, 2001). No entanto, como espero ficar nítido no decorrer deste texto, muitas vezes esse esporte não tem a chance de acontecer.

Este não-debate acontece devido a dois casos curiosos que ocorreram durante a minha experiência como professor: o primeiro deles tem relação com uma categoria descrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS) na área de Gênero e Sexualidade e utilizada pelo governo brasileiro para tratamento e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (Costa, 2009), que caracteriza uma determinada prática sexual. De acordo com esta organização, existiria um grupo de pessoas na sociedade denominado “Homens que fazem sexo com outros homens – HsH”, que são pessoas que possuem essa prática, mas não se auto denominam gays ou bissexuais. Falei sobre esta categoria dentro de um contexto específico para estudantes do 1º ano do ensino médio. Falávamos sobre ciência e senso comum, então utilizei esse ponto para explicar as diferenças entre essas perspectivas. Mais para frente o leitor poderá observar que uma fala estritamente técnica, utilizada dentro de um contexto específico, foi distorcida e motivo de polêmica.

Em outro momento, utilizei entre as saudações típicas aos estudantes ao entrar na sala de aula um “boa tarde a todas, todos e todes”. Foi quando fui “chamado à direção” para prestar esclarecimentos a respeito do uso desta palavra, porque um dos estudantes teria se mostrado contrariado. Fiz a defesa do termo com base no argumento da mutabilidade da língua, dando como exemplo o fato de que no passado as pessoas se referem umas às outras usando “vosmecê” e hoje em dia se chamam de “você” ou até “cê”. Argumentei que do ponto de vista das Ciências Sociais, a língua enquanto uma construção cultural pode e vai sofrer variações e mutações ao longo do tempo, e que esse processo não precisa ser temido ou combatido. Argumentei ainda que não estava homogeneizando o tratamento aos estudantes através do uso do “todes” e sim dando a opção lado a lado às palavras “todas” e “todos”. Estava, enfim, na tentativa de um movimento de inclusão que foi questionado e de certa forma combatido.

As duas conversas na direção, a primeira delas pela citação da categoria “HsH” e a segunda pelo uso da palavra “todes” foram bastante incômodas para mim enquanto profissional das Ciências Humanas e Sociais, acostumado que estou em estudar e observar as mudanças na cultura e sociedade de forma tranquila. Além disso, falo e vivo a partir do lugar de uma pessoa

LGBTQIA+ que viveu em seus anos de formação na escola enquanto estudante, muita privação de identidade e uma violência desnecessária, por parte dos colegas e das instituições – que na maior parte dos casos foi omissa.

Enquanto uma pessoa diversa e pensando junto ao referencial das Ciências Sociais, assim como a antropóloga Margaret Mead ([1935] 2009), acredito que “cada diferença é preciosa e deve ser cuidada com carinho”. Aprendi durante os últimos anos de estudo que a homogeneização da cultura ou da sociedade nunca pode significar algo positivo, a homogeneização destrói e invisibiliza muitas formas de ser e existir.

Os episódios descritos acima, tornaram-se algo incômodo por conta da forma que foram tratados. Acredito ser “normal” que um estudante ou família sintam-se contrariado a respeito de determinado tema. No entanto acredito também que a melhor postura da escola, pensando a partir de uma educação laica e preocupada com os direitos humanos, é assegurar a autonomia do professor dentro da sala de aula, para que ele possa justamente falar sobre temas “polêmicos” mesmo que haja contrariedade. Afinal, somente falaremos de assuntos que nos sintamos plenamente confortáveis? Como desenvolver uma percepção mais bem equacionada em relação ao mundo utilizando dessa prática? Como nos informa o filósofo René Descartes, os sentidos muitas vezes podem nos enganar, é preciso utilizar da razão para poder questionar se a realidade à nossa volta faz sentido ou é algo construído para servir às nossas próprias vontades em relação ao mundo (Descartes, 1999).

1 Alguns aportes teóricos

O debate sobre o ensino da “ideologia de gênero” nas escolas é um ponto muito acalorado no Brasil de hoje (Junqueira, 2022), talvez por conta dessa efervescência (que se confunde com posicionamentos políticos) e por conta da contemporaneidade do tema, tantos equívocos estejam sendo cometidos – como o caso da tentativa da proibição do uso da linguagem neutra nas escolas de Belo Horizonte (2023).

Importante colocar que a ciência contemporânea construiu nos últimos anos de maneira interdisciplinar muitos estudos importantes e com forte rigor acadêmico a respeito do gênero na cultura, na sociedade, nas escolas, nas empresas, em diferentes lugares onde há interação humana e por isso construção de identidade (Grossi, 1998).

Enquanto profissional das Ciências Sociais, não posso deixar de refletir sobre as situações que vivi com muito pesar. Depois dessas “chamadas” senti-me acuado, com receio de falar sobre esses assuntos em sala de aula por conta da instabilidade da minha condição como professor do ensino básico. Apesar disso, acredito ser relevante que nós enquanto professores

possamos conversar sobre esses e outros assuntos para que a nossa prática docente não seja limitada por preconceitos sobre temas A ou B.

Por outro lado, entendo esses momentos que vivi também como uma oportunidade para refletir a respeito dos temas em questão. Afinal, se eles chamam tanta atenção assim, alguma potência devem guardar.

Algumas questões surgem sobre o tema: seria a questão da identidade tão importante aos conservadores como tem sido para grande parte da esquerda? Por que esse ponto desperta tanto desentendimento e intolerância? Seriam apenas preconceitos baseados em dogmas religiosos e/ou posições políticas ou há algo mais aí? Talvez, como diz o sociólogo Howard Becker:

[...] não há razão para supor que somente aqueles que acabam por cometer um ato desviante realmente tenham impulso para fazê-lo. É muito mais provável que a maioria das pessoas frequentemente experimente impulsos desviantes. Pelo menos em fantasia, as pessoas são muito mais desviantes do que parecem. Em vez de perguntar por que os desviantes querem fazer coisas que não são aprovadas, poderíamos perguntar melhor por que as pessoas convencionais não levam até o fim os impulsos desviantes que têm (Becker *apud* Goldenberg, 2011, p. 8).

Entendendo aqui que “fazer a coisa errada” está relacionada àquilo que é considerado o “correto” atualmente, ou seja, a distinção binária de gênero e a hetero-cis-normatividade, como bem coloca Paul Preciado (2022).

Toda essa polêmica suscita ainda pensamentos a respeito da pureza e do perigo, de poluição e contágio, tema tão bem retratado por Mary Douglas (1976). Que perigo existe ao falar sobre o gênero nas escolas? A que tipo de poluição se afasta quanto estamos falando sobre condutas e identidades não-normativas? Seriam essas condutas realmente poluídas ou o imaginário estreito as constrói assim?

Se privamos nossos adolescentes de discussões a respeito da diversidade, certamente eles crescerão e se tornarão adultos intolerantes. Um adolescente que não aprende sobre o respeito à diversidade, amanhã, adulto, poderá estar agredindo pessoas LGBTQIA+, sendo intolerante com as mulheres ou produzindo racismo com a população não-branca.

A literatura aqui brevemente apresentada é um exemplo de estudos riquíssimos a respeito da diversidade e da importância de valorizarmos e falarmos abertamente sobre elas. Como dizem algumas correntes da psicologia: quando não falamos de um assunto, ele é recalado em nosso inconsciente e certamente virá com mais força em outro momento da vida.

Ainda, sobre o medo que algumas famílias possuem: falar sobre gênero em sala de aula não fará com que os adolescentes “tornem-se gays”, pelo contrário, esconder essa possibilidade de sua vida fará com que muitos desentendimentos sejam construídos. A identidade é algo que se constrói ao longo de uma vida, que tem a influência da família, mas que não termina nela. A

criança, o adolescente e o adulto serão expostos ao longo de sua vida às mais diferentes influências. Por que não garantir que ele tenha acesso a uma influência que considera a existência da diversidade como uma possibilidade de vida?

Certamente ao longo de sua vida o discurso da intolerância será oferecido a eles, seja dentro de casa, através da internet, ou pelos meios de comunicação. Não é mais justo e honesto que ele possa ter meios para escolher qual será a sua postura do que simplesmente reproduzir as opressões estruturais? Sim, porque se deixarmos a cargo da sociedade a intolerância será a única opção para esses jovens. Que pessoa, cristã ou não, prefere a intolerância ao diálogo? Independente das nossas crenças religiosas ou posicionamento político, a construção de uma sociedade harmônica e tolerante deveria ser o nosso norte comum.

2 Uma outra forma de enxergar a questão

Levando em consideração a perspectiva teórica na área da Antropologia, temos, a partir da proposta da Antropologia Simétrica, a necessidade de levar os nossos interlocutores a sério. Tal proposta foi inicialmente aplicada aos grupos indígenas estudados no Brasil. Tais grupos mantêm uma rica cosmologia mágica que frequentemente envolve a existência de seres não-humanos e a agência de forças invisíveis. Durante muito tempo na história da Antropologia, essas narrativas foram consideradas como sendo fantásticas e sem contraparte na realidade. Recentemente esta postura está mudando, principalmente por conta dos estudos de Viveiros de Castro (2002) e o grupo correlato de pesquisadores que propõe que *levemos a sério* mesmo àquelas narrativas mais fantásticas, buscando entender o que significam para o povo em questão e que papel desempenham para a vida em comunidade.

Se levarmos essa assertiva às últimas consequências, podemos realizar o exercício de levar a sério aquilo que a comunidade conservadora fala/sente a respeito dos debates de gênero nas escolas. Ou seja, ao invés de descartar suas “reclamações” sobre o assunto como o produto de uma perspectiva conservadora do mundo, buscar entender porque essa perspectiva existe e que sentido as pessoas atribuem a ela. Assim, ao invés de contrariado pela forma que fui chamado à direção, eu faria um exercício de empatia profunda, colocando-me no lugar dos estudantes e pais que se sentiram contrariados nos eventos em questão.

Posso dizer que este exercício tem sido realizado, tanto que, por conta dele, deixei de falar sobre esses assuntos em sala de aula, a menos que estejam explicitamente colocados por lei. Acredito que uma vida em sociedade passa pelo respeito às verdades dos outros, mesmo que essa verdade contrarie a minha forma de ver o mundo.

Assim, entramos em outro referencial teórico da área da Antropologia que tem relação com a chamada “virada ontológica”: um grupo de estudos que preconiza a existência de modos

específicos de viver no mundo. Para este grupo de pesquisadores, nós viveríamos em um mundo com diferentes formas de vida.

Para eles, essas formas de vida estão diretamente relacionadas à mundificação (Ingold, 2012), ou seja, a forma que as pessoas constroem mundos para viver. Nesse sentido, os conservadores possuiriam uma ontologia (forma de ser e viver) própria, que não é melhor ou pior do que a ontologia dos progressistas, apenas *diferente*.

Recentemente li um artigo sobre compostagem (De Souza, 2020) onde a pesquisadora pensa a cosmopolítica a partir da relação entre minhocas e o composto orgânico. Gabrielly de Souza diz que dentro de um ambiente de compostagem os organismos estabelecem diferentes relações entre si, de predação, de cooperação etc. Essas relações, às vezes antagônicas e às vezes cooperativas, fazem com que o processo de compostagem aconteça, fazendo “terra” fértil e o fertilizante líquido que será utilizado nas hortas das comunidades estudadas.

É possível então traçar um paralelo cosmopolítico entre a compostagem e a vida em sociedade de forma mais ampla. Nós não precisamos viver atrás da construção de consensos, muitas vezes as diferentes formas de vida (ontologias) vão se chocar ou cooperar e é exatamente esta relação que vai construir vida em sociedade.

A perspectiva aqui levantada, pode ser entendida por parte de alguns setores “progressistas” como uma “passação de pano” para setores conservadores da nossa sociedade. Particularmente acredito que tais teorias assim mobilizadas fornecem uma visão de mundo que não prescinde do conflito, mas olha para ele como tentativa de construção de algo valioso. Precisamos sempre ter em mente que o objetivo da boa política nunca deve ser destruir o inimigo, mas sim conviver com ele através de uma relação de respeito e levando a sério o que é expressado.

Considerações finais

Espero que este relato sirva como forma de incentivo ao debate sobre o estudo da diversidade nas escolas do Brasil. Não podemos deixar que a ignorância se sobreponha a um assunto tão importante em matéria de Direitos Humanos e de dignidade de vida. Quando uma minoria avança em direitos no Brasil, toda a sociedade avança junto.

Cabe registrar que a direção e a equipe pedagógica da escola não me impediram de falar desses assuntos, mas depois dos acontecimentos e a partir da forma como eles foram tratados, a minha confiança para falar deles em sala de aula se tornou quase nula.

Como dito anteriormente, a Sociologia como esporte de combate não pôde acontecer, por conta de um aventado “respeito” a comunidade conservadora na qual a escola em questão está inserida. Mas pergunto: o respeito não precisa ser uma via de mão dupla? Devemos respeitar a

intolerância? Na democracia se pode tudo, menos atentar contra a própria democracia. Se isso acontece, precisa ser combatido com firmeza. Considerando que assegurar os direitos básicos é fundamental para a constituição da cidadania, penso que algo que agrida esses direitos precisa também ser combatido.

A escola não precisa ser um local de isenção de conflitos, pelo contrário, é lá que as diferentes posições encontraram espaço fértil para discordar ou construir consenso. Uma boa educação envolve também o dissenso, mas para que isso aconteça é preciso construir um ambiente escolar acolhedor, onde todos os membros da comunidade sintam-se à vontade para expressar seu posicionamento. Pelo contrário, a escola continuará sendo um lugar de reforço das opressões estruturais ao invés de um lugar que tem o nobre objetivo de emancipar os seres humanos através da educação.

Por fim, acredito que a diversidade no Brasil é algo que precisa ser valorizado. Qual a contribuição que nós enquanto nação podemos oferecer ao mundo se não a nossa diversidade? Diversidade essa que se expressa na cultura, na gastronomia, na literatura... como dizia um importante político paulista - terra onde nasci - para que eu me credencie a falar a minha verdade eu preciso também respeitar a verdade do outro - talvez assim poderemos trocar de forma fraterna e entender que o mundo não precisa ser um lugar homogeneizante e que a diversidade constrói.

Bibliografia

Belo Horizonte aprova lei que proíbe uso de pronome neutro em escolas. CNN Brasil, 19 de Agosto de 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/belo-horizonte-aprova-lei-que-proibe-uso-de-pronome-neutro-em-escolas/>>. Acesso em: 05 de Out. de 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.* São Paulo, UNESP, 2004.

CARLES, Pierre. *A Sociologia é um esporte de combate: documentário sobre Pierre Bourdieu.* 2h26. 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=41W3RapeK5Q>>. Acesso em: 05 de out. de 2023.

COSTA, Adriano Henrique Caetano. Homens que fazem Sexo com Homens (HSH): Uma categoria, muitos significados. *Anais do 25º Simpósio Nacional de História*, p. 12-17, 2009. Disponível em: <<https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1464.pdf>>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.

DE SOUZA, Gabrielly Merlo. Políticas de Composto. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, v. 8, n. 2, p. 130-152, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/36072>>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. 10. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. *Revista antropologia em primeira mão*, 1998. Disponível em: <https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf>. Acesso em 12 de Fev. de 2024.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro, Best Seller, 2011.

INGOLD, T. *Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem*. In: Steil CA, Carvalho ICM, organizadores. *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo, Terceiro Nome; 2012. p. 15-29.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A invenção da “ideologia de gênero”*: um projeto reacionário de poder. Brasília, Letras Livres, 2022.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas* [1935]. São Paulo, Perspectiva, 2009.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala*: Relatório para uma academia de psicanalistas. São Paulo, Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *O nativo relativo*. *Mana*, v. 8, p. 113-148, 2002. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/mana/a/ZcqxxhqhZk9936mxW5GRrhq/>>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.

Recebido em: 24 out. 2023.

Aceito em: 20 fev. 2024.